Araçatuba e Região

FOLHETIM DE CIRCULAÇÃO EXPERIMENTAL - ARAÇATUBA, DEZEMBRO DE 2010 - ANO I - Nº 02

NAVEGANTES

Infinito mar de luzes navegantes
Dedico-me ao mergulho profundo
Na cavidade de olhos ressonantes
Vou vestido de carne e luz
Você despida e banhada de cores
Conceitos e fundamentos deixem em superfície,
Desejo profundidade e loucura,
Não lúcidos temos o direito para renascer,
Resultado de performance indeterminada,
E nesse mar de luzes cintilantes,
Ensaio de algo que nos excita,
Somos fonte de luz,
Num certo sentido
O início de um novo porto,
Em vapores de alta melodia.

Edi Barba - escritor araçatubense e integrante do Grupo de Contação de História "Deixa que eu conto".

www.aracatubaeregiao.com.br

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade." Artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicado em 10/12/1948.

ARTEIRO ARTISTA

Um saci passeava pela cidade, quando viu um garotinho chorando. E, enquanto fazia mesuras, disse-lhe:

- Bom dia, Guilherme!

- Quem é você? Como sabe meu nome?

- Não me conhece mais? Olhe bem! Boné vermelho, cachimbo..

- Você é parecido com um amigo que eu tinha: o Saci Pererê. Mas ele era tão brincalhão. Vivia assobiando e criando confusão por aí.

- Pois é. Sou eu mesmo. Um pouco mudado, confesso

- Que aconteceu?

- Lembra quando me prenderam naquela garrafa? Então, aproveitei aquele tempo para meditar bastante, e revendo meus valores, decidi passar um pouco da sabedoria dos sacis para os humanos. Veja, só o que aprendemos in loco sobre ervas medicinais, em anos e anos de floresta... Mas agora, não sei se porque trabalho e leio bastante, fui transformando toda aquela vontade de fazer estrepolias, em alguma coisa muito boa. E com isso, estou me sentindo bem melhor.

- Mas, Guilherme, agora me conte, por que você estava triste?

- Porque eu queria ser mais útil em casa, mas, por exemplo, se me ofereço para separar o lixo, faço confusão, porque a mamãe colocou aqueles recipientes coloridos, mas não os identificou, entende?

- Não seja por isso, menino Guilherme. Basta que cante juntinho comigo:

- Embrulhei em papel azul / meu anel de metal amarelo / coloquei no vidro verde / plastifiquei em vermelho. / Resíduo orgânico, no marrom.

E assim, o saci já ia se despedindo, quando Guilherme abraçando-o falou:

- Volte sempre, Solsi P Ré Ré. Você é meu amigo artista.

Wanilda Borghi

Membro do Grupo Experimental, da Academia Araçatubense de Letras.

AS AVENTURAS DO RIO TIETÊ

Mauro Rico, idealizador do Projeto.

Entrevista no Site do Folhetim.

No dia 1º de dezembro a Agência Nacional das Águas (ANA) premiou, em Brasília, sete iniciativas que estimulam o uso consciente da água no Brasil. O espetáculo "As Aventuras do Rio Tietê" venceu na categoria de Organismos de Bacia. Para a ministra do Meio Ambiente, Izabella Texeira, o Prêmio ANA tem um importante compromisso com as políticas públicas de recursos hídricos. *"O prêmio é uma visão de gestão compartilhada de recursos hídricos em que pessoas colocam o meio ambiente como condicionante para o desenvolvimento do país"*. Para nós, araçatubenses, uma valorização enorme de nossa cultura e o que se faz aqui pode, sem sombra de dúvida, circular o mundo. Devemos sim discutir cultura...

MANDE SUA OPINIÃO

contato@aracatubaeregiao.com.br

O Folhetim "Araçatuba e Região" tende a ser uma publicação mensal com textos de escritores independentes, sem quaisquer vínculos com entidades e/ou associações, sem fins lucrativos e de distribuição gratuita na cidade de Araçatuba e Região, tendo como objetivo a divulgação de obras literárias de seus colaboradores, os quais se responsabilizam integralmente, cível e criminalmente, pelas opiniões contidas nos textos aqui publicados.

Pedro César Alves
Editor

SUPERVISÃO
Heloilda Angélica Nizza
MTB: 42.610SP

IMAGEM-TÍTULO
Ricardo Xavier de Oliveira
Tiragem
1.000 exemplares

AGRADECIMENTOS
Às pessoas e Empresas que acreditam no potencial cultural de ARAÇATUBA / SP

Produção / Montagem de Pedro César Alves

MUNDO LOUCO

O mundo está louco
Tão louco que chega a dar medo.

Loucuras que trazem revoltas,
Às vezes, revoltas por poucas
[coisas;

Mas existe o lado bom,
O lado do amor, do prazer,
Da paz...

Da paz interior, com Deus,
E com o mundo...

Prof. Pedro C. Alves

EDITORIAL

É com imensa alegria que volto este mês a publicar o Folhetim. E muitos escritores enviaram seus textos, mas o espaço – reduzido, fez com que a escolha dos textos fosse mais apropriada para o mês: Natal. Alguns dos meus alunos também solicitaram um pedacinho nas páginas do Folhetim – que podem ser conferidos nas páginas a seguir.

Vale lembrar que o espaço é bem democrático. Falando ainda dos alunos, recordo-me que por vários meses seguidos fizemos um jornalzinho na Escola Paraisão (e sempre contando com o apoio dos amigos no custeio – imprimíamos quase no mesmo formato através de xérox). Por isso que as parcerias são bem-vindas e ajudam no interesse e desenvolvimento do escritor e, também, de possíveis jovens escritores com potencial. O acesso a uma publicação em livro é ainda muito alto.

A pequena montagem que fiz acima lembra a última eleição: afinal, na História do Brasil, teremos a primeira mulher na presidência – e também a chegada do bom velhinho. E a pergunta (pelo menos no primeiro momento) foi: presidente ou presidenta? E a resposta é simples: no dicionário as duas palavras são registradas como corretas, logo, a escolha é de quem a usa. Minha escolha: presidente...

Peço a compreensão – e ao mesmo tempo explico – que a maneira de eu editar o Folhetim é semelhante ao jornal tradicional, pois quem trabalhou no tradicional jamais esquece os detalhes.

Este Folhetim, junto com os amigos escritores, deseja aos leitores um Feliz Natal! E que o Ano Novo seja repleto de realizações.

Prof. Pedro César Alves

RUA PORTO ALEGRE

Rua Porto Alegre... Quantas vezes porto de solidão! Solidão daqueles que anseiam por uma verdadeira paixão.

Um boteco na esquina, ponto de encontro de homens que, depois de um dia de labuta, se reúnem para tomar o seu gole e assim esquecer as mágoas e aliviar o cansaço.

Sentados à beira da sarjeta, outros à beira de um balcão ou nas mesas espalhadas pela calçada, conversa que vai, conversa que vem, futebol, mulher bonita, política, pescaria...

- Manda outra aí, senhor Anésio!

Passa moça bonita, corpo formoso. Olhares de encanto disparam na mesma direção, a boca não fala, mas murmura, com devido respeito:

- Ah... Se eu tivesse vinte anos!

Rua coberta de piche, já foi rua de terra. Em dias de chuva constante, não se podia sair de casa. Quem tentasse ficaria atolado no barro da terra vermelha. Se não tivesse jeito de evitar o percurso, melhor era levar um par de sapatos para trocar depois dos atoleiros.

Hoje tem asfalto, mas os buracos tomam conta, não dá pra molecada jogar uma "pelada"; melhor é ir para o terreno baldio.

Logo de manhã vejo o Senhor Antônio, aposentado, sempre com um sorriso no rosto. Já vai para o boteco, bater uma caxeta e assim passar o dia longe de Dona Maria.

Quando abro a porta, vejo os arranha-céus, os quais preencheram os espaços que outrora foram pastos.

Quantas manhãs, ao acordar, ouvi o cantar dos galos, que como despertadores em horas marcadas, cantavam? Ouvi o mugir do gado pastava por perto? Quantas foram as vezes em que, pela manhã, ao abrir a porta, me deparei com um boi ou um cavalo ou aves? Era um enorme susto. Com o passar do tempo, aprendi a abrir a porta devagarzinho e contemplar em silêncio a surpresa do dia.

Casas sem muros eram o que mais eu via, bairro pobre, periferia...

Rua Porto Alegre, tão pequena, mas guarda tantas riquezas.

Nas madrugadas gélidas, eu via caminhões que levavam os "bóias frias", povo de luta sofrida.

Quantas vezes Dona Júlia e Senhor Moacir, casal de idosos, saíram antes do amanhecer, montados em uma carroça cheia de verduras, rumo à feira, na busca do pão de cada dia? Exemplo de vida!

Em cada casa havia uma horta. Ninguém comprava frutas; todos colhiam direto do pé, fresquinhas. Remédios, no fundo dos quintais. Na dúvida? Era só perguntar para a Dona Adelaide, que vivia com um lenço amarrado no cabelo e tinha no rosto as marcas que o tempo traz. Benzedeira de mão cheia, curava com palavras.

Se esta Rua fosse minha, faria uma observação: Rua Porto Alegre, neste porto moram grandes corações.

Solange dos Santos Longue

Vencedora do II "Concurso de Crônicas da Vida" - 2010

SONETO DE NATAL

O céu magnânimo está límpido...
No infinito, uma estrela-guia
Enuncia o grande dia:
É Natal do Menino Jesus!

Emoldurada de radiante esplendor
Flameja a natureza em festa!
Dobram-se os sinos uníssonos...
Confrarias acontecem!

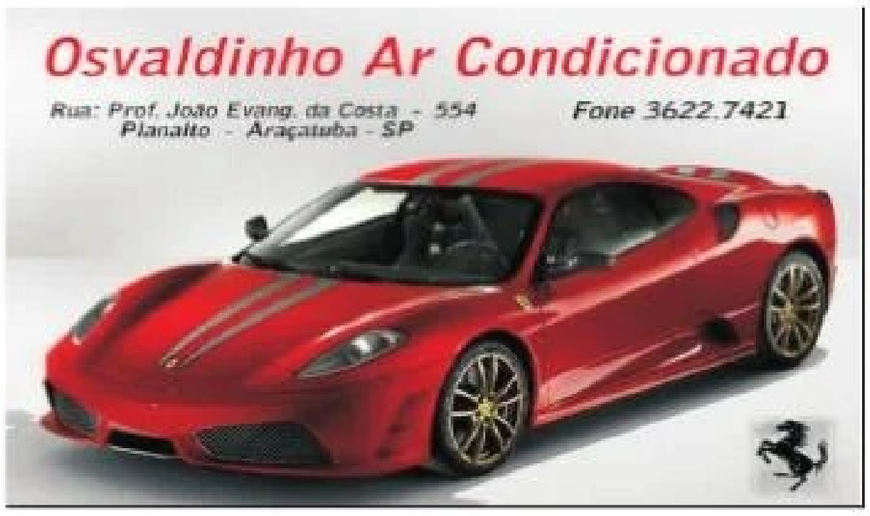
Nas gólgotas cessam os suplícios...
Os suspiros enfadonhos
Dão lugar a doces preces!

Ocultam-se abissais profundos
E os anjos fazem coro
Louvando o Salvador do mundo!

- Antenor Rosalino

NATAL PARA COLORIR

IMAGEM INTERNET



Araçatuba, 25 de outubro de 2010

Querida amiga,

Estou escrevendo-te para lhe dizer que estou com saudades de ti. Há muito não nos vemos e gostaria de saber como estás. Ainda ontem me lembrei dos tempos de infância, os quais você esteve presente em muitos momentos. Lembra-te das nossas brincadeiras naquela rua do subúrbio? Sempre passávamos algumas horas juntos durante as noites... Era incrível!

Pois é. Hoje somos crescidos. Você foi para São Paulo, construiu uma carreira promissora e eu fiquei aqui. Não posso reclamar, afinal consegui o que queria. Mas ainda sinto falta de algo que parece ter saído da minha vida. Você sabe que sempre precisei de você e quando se foi tive de superar sua partida. Não foi fácil.

Bem, ao menos ainda posso te escrever. Saiba que estou te esperando. Venha! Relembraremos nossa infância. Afinal, o que mais desejo neste momento é ter alguém com quem eu possa contar meus segredos, compartilhar meu cotidiano e também reviver, na memória, o passado. Desejo-te o melhor e que fiques bem. Grande beijo!

Do teu amigo de infância, Guilherme - (3º B)

PEDINDO APOIO

Mesa tem pé
corpo tem pé
pé de couve
pé de café.

Pé ante pé
na ponta do pé
quem tem pé
dá no pé.

Pega no pé
bate o pé
cai de pé.

Ao pé da letra
a vida dá pé
apesar do chulé.

ALAORPOETA

NATAL EM FAMÍLIA

O Natal está se aproximando
E muitas pessoas estão esperando
O dia mágico acontecer
O menino olha pela janela
E uma lágrima vem a escorrer.

O corre-corre das pessoas
Com os pacotes de presentes na mão
O menino olha pela janela
E sente a dor no coração.

As famílias vão chegando
As cores do Natal vão aperfeiçoando
O momento especial da reunião tão
[esperada
O menino olha pela janela
E imagina a família tão sonhada.

Os sinos da igreja tocam
Anunciando o dia de Luz
O menino olha pela janela
E um pedido faz para o
Aniversariante Jesus.

Jesus com o meu coração em pedaços
Peço-lhe só um presente
Me dê uma família
Para que eu possa viver sempre contente.

- Márcia Rossi Maiorchini da Rocha

AMOR ZERO

Amor.
Você me deixou
Ou eu te abandonei?

Keyla O. Rosa - 7ª 'A' - Paraisão.

POETA

Para ser um poeta
não precisa de dinheiro,
não precisa de mansão,
não precisa de carrão.

Não precisa ser bonito,
Não precisa ser popular...

Apenas de alguns
'ingredientes'

um lápis,
um papel
e um pouco de
imaginação!

Juliana dos Santos Souza
7º Série 'C' - Escola Paraisão.

ANO NOVO

Enuncia-se o Ano Novo!
Emergem-se renovados sentimentos
edificados e depurados
em nova construção mental!

Renascemos imensamente,
quando, em silêncio,
as nossas almas em prece,
cantam doces canções de amor!

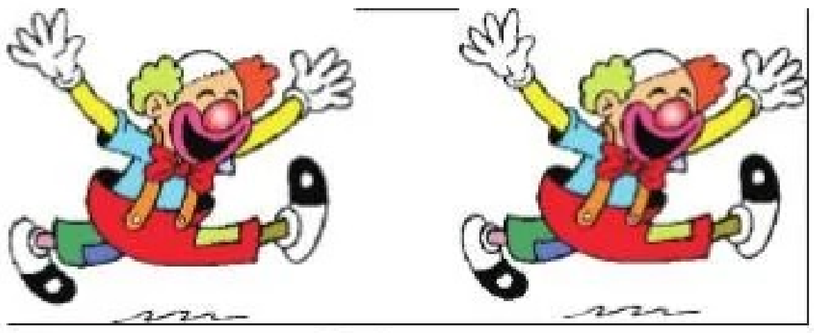
Toda a sorte de arcaicos
e obscuros sentimentos de tristeza,
do incômodo nublado das nuvens
das chibatas do vento,

E todas as contas
do rosário da memória
são lentamente repassados,
enquanto a indizível poesia da vida
inunda a Terra
de estranha felicidade!

As profundas fontes da memória
cicatrizam as chagas,
envoltas pela passiva atitude
que vem dos céus,
e nossas mãos em cálidos abraços,
acolhem a dádiva do Ano Bom!

- Antenor Rosalino

ALEGRIA ZERO



Palhaço.
O sorriso acabou
Ou a graça terminou?

Tainara dos Santos - 7ª 'A' - Paraisão.

IDADE SECRETA

Garota.
Você é mais velha
Ou eu que sou mais novo?

Leonardo H Costa - 7ª 'A' - Paraisão.

EDUCAÇÃO X SAÚDE

A Educação
Discutiu com a Saúde
Para ver se conseguiam se entender...

Enquanto o Estado
Se enriquecia..

- por Bruno S. Pereira, 7ª 'A' - Paraisão

SÓ POR DEUS

Foi por pouco, desta vez ele tinha razão, ou em todas às vezes talvez, pois ele tinha uma atração por confusões ou as confusões por ele que se não o conhecesse bem duvidaria, mas tratando-se de quem se trata posso lhes garantir com toda certeza que foi verdade. O fato que vou narrar aconteceu em São Paulo, contudo, poderia ter acontecido aqui, é a violência gerando o medo e o medo gerando violência.

Em um ponto de frete para pequenos carretos teve inicio uma discussão que quase chega a vias de fato, os nervos a flor da pele por tantos motivos; necessidade de uns trocados, trânsito que não flui, poluição e alguns goles de cachaça que não chegava a ser embriaguez, mas, fosse hoje o bafômetro acusaria com certeza. Mas tudo terminou como começou, um saiu resmungando para um lado e ele para outro. Isso seria o suficiente em tempos atuais para se dizer "só por Deus". Passado alguns dias, advertido por colegas, sobre a periculosidade do antagonista, resolve mudar de ponto. Porém, o medo o acompanhou e aumentou quando foi avisado:

- Meu "chapa", você criou confusão das grandes, aquele cara é perigoso, ele com certeza não vai deixar barato, se saiu quieto é porque deve estar armando alguma para você, fosse comigo, não andaria por aí desarmado.

Fez mais o amigo, emprestou-lhe um revolver.

- Quando for fazer carretos afastados, leve isso, nunca se sabe...

No final do dia seguinte surge um sujeito:

- Quanto cobra para me levar com essas bebidas?

Forneceu o endereço, era longe "prá dedel", pensou em não fazer o carreto. Desconfiado, olhou para o furgãozinho, pneu careca, precisando de troca. Arriscou, pediu um preço bem alto, o medo implorando que o cara não aceitasse e a necessidade querendo o contrário.

De pronto o cara aceitou e foi colocando as caixas no furgão e se ajeitando ao lado do motorista "dele", a pressa também foi estranha, aceitar assim sem fazer pechincha!

A arma escondida lhe dava um pouco de segurança.

"Que Deus me ajude, porque, se esse cara se coçar, eu descarrego esse revolver nele, onde já se viu pagar três vezes o valor do carreto, tem alguma coisa errada nisso, ah se tem. Mas se não tem, faltará pouco para a troca do pneu".

Durante todo o percurso o homem foi calado, as mãos colocadas sobre as pernas não se mexeram. Ele rezava para que o outro permanecesse assim.

Entra num beco sai no outro, a cidade ficando para trás, a favela se aproximando, e a noite começava a agasalhar o dia.

- É logo ali. — O cara dizia.

A certo ponto quando já estava para desistir, ouviu:

- Chegamos, é aqui.

Estavam em frente de um barraco onde crianças brincavam felizes:

- Pai, você não se esqueceu do meu aniversário?

- De jeito nenhum filho cheguei a tempo, não cheguei?

- "Chapa" muito obrigado, entre para comer um pedaço de bolo.

Ele ficou e cobrou o preço justo pelo carreto.

Ao voltar devolveu o revolver para o amigo e disse:

- Arma é um perigo, só por Deus não tirei a vida de um pai de família. Se o cara se coçasse estaria morto e eu teria desgraçado com a minha vida.

Emília Goulart

Membro do Grupo Experimental da Academia Araçatubense de Letras.

ACADEMIA ARAÇATUBENSE DE LETRAS

RUA JOAQUIM NABUCO, 210. CENTRO

NATAL PARA COLORIR

O GRITO

O espírito natalino já caminhava no ambiente daquela casa.

No jardim, a esposa do cultivador de rosas perfumadas, o encontra com uma chávena de café.

Uma maneira de pedir desculpas por não o ter tratado muito bem naquela manha, ter sido grossa com um ser tão dedicado a seu trabalho. O rapaz agradece e com gestos firmes arranca ervas daninhas daquele jardim, sua mente após o tão bom café, se concentra naquele trabalho, em volta dele tudo acontece, mas o moço não percebe nada. A jovem esposa se retira cumprimentando a copeira que acaba de chegar a mansão, brinca com o minúsculo cachorro e se encaminha até a lavanderia da residência onde cuidará da roupa dos moradores deste lar. No caminho ainda dá uma olhada nos canários da índia pertencentes aos donos da mansão, faz um carinho em suas penas, ouve o canto mavioso dos mesmos e se encaminha ao seu labor.

Alguém, estaciona o carro no gramado, muito lentamente, suas pernas caminham até a mansão não atina a presença do cuidador de flores que muito envolvido ali trabalha.

Quando não se ouvia nem uma palavra, ouve-se um estridente grito, vindo de um dos cômodos da tão linda residência.

Neste momento o cultivador de flores se assusta saindo de sua concentração.

Em seguida ouvem-se passos rápidos saindo da bela residência: o jardineiro agora observa que não era o morador, mas o carro é de um dos donos da mansão. O jardineiro fica em dúvida se foi o dono que havia chegado, ou, aquele que está saindo em disparada neste momento.

Abandona seus afazeres e entra na residência, subindo a tão tradicional escada que acaba em forma de épsilon, muito rapidamente entra em um dos aposentos, onde numa linda alcova o ato sexual está sendo praticado na mais saudável harmonia. O jardineiro muito discretamente sai dali.

São muitos quartos, vários banheiros, salas e outros.

Resolve o nosso amigo olhar em todos os outros cômodos da referida casa, até que num determinado momento ao adentrar à cozinha vê sobre a mesa uma enorme leitoa morta.

Marianice Paupitz Nucera

Escritora araçatubense e coordenadora do Grupo Experimental da Academia Araçatubense de Letras.

A VELHA ESTANTE

Das boas lembranças da infância uma delas é lembrar aquela velha estante.

No canto da sala grande da casa no sítio dos tios, abarrotada de livros, sempre exerceu poderosa atração sobre ela.

Quase todos os dias após andar quilômetros ao vir da escola do pequenino vilarejo, fazia suas obrigações caseiras e para lá corria a fim de passar suas tardes na mesa de madeira ao lado da preciosa estante.

E como os personagens se fundiam nas peraltices dela...

Ainda hoje, vive intrigada se as recordações das brincadeiras com os primos ao pé das arvores do sítio, nadar ou pescar nas águas do misterioso córrego entre o pasto e a mata, comer (ou chupar?) jabuticaba e manga no pé, fazer com as primas lindas bonecas de sabugo de milho, deitar ouvindo o barulho das águas, correr atrás dos porcos na grande cocheira ao fundo do pomar, cair do pé de goiaba na busca das melhores frutas, correr descalça no pasto com medo das vacas e furar o pé no galho seco, cair no mata – burros, tomar chuva fria, esparramar o café colhido a secar no terreirão, foram reais ou fazem parte das histórias lindas existentes nos livros da velha estante, no canto daquela sala da sua infância.

Das boas lembranças da infância uma delas é lembrar aquele velha estante, no canto da sala da casa do sítio dos tios...

Marisa Mattos

Professora e Coordenadora Pedagógica na Rede Munic. de Ensino de Araçatuba.

O AMOR

Se eu fosse escrever tudo o que sinto por você,
Precisaria de mais de cem cadernos,
Pois o meu amor é tão grande por você
Que me faz adoecer.

Meras palavras não demonstram
Um amor tão grande assim,
Só o silêncio do meu olhar
Julga o que você significa pra mim,
Ou seja, tudo!

Pode me chamar de boba por te amar,
Mas só estou fazendo o que o meu coração diz
Que é te amar para conseguir ser feliz.

Meus sentimentos por ti são tão profundos
Que me faz delirar!
Estou enlouquecendo por te amar,
Meu amor por ti nunca vai diminuir.

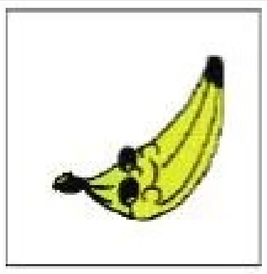
Quando você pratica um gesto simples,
Como piscar – eu posso até desmaiar.

Para terminar esse poema
Que parece até uma canção,
Vou dizer '*eu te amo*'
Pois é a palavra que diz o meu coração.

- Gabriele dos Santos, 7ª A, Paraisão.

Os olhos e os ouvidos são os únicos caminhos do coração. Philip Dormer Stanhope

COMO É GOSTOSO...



Como é gostoso rir...
Como é gostoso sentir...
O amor... de uma flor...
E a paz... dos araçás...
E a menina... banana...
Com seus cabelos negros...
E a Tatá... a Talita...
Mas se fosse você, o que você faria?

- Fernanda Caroline Alves
Emeb Profª Maria de Freitas Souza

MARA MAIRA MARIA

Mara Maira Maria
Maira na raia
No mar navegante
Memória RAM
Armazenada na Ira
O Imã que conduz
Ria Diz ama
Amar Ia
Ai maravilha
Mara Maira
Maria

Ops
O peso do pêlo
O apelo pelo SEIO
O LP que ainda toca
O peso pelo passado
Pôs
Ops
SÊ-LO

Mara Maira Maria
O mar me leva
O LP roda
E só subscrevo
Armazeno no papel
O selo do desejo
O verbo amar
Primeira pessoa
Eu amo Mara Maira Maria
És o peso do desprezo...

Beatriz Ferreira do Nascimento

Membro do Grupo Experimental da Academia Araçatubense de Letras.

Poesia premiada entre as 15 vencedoras do I Concurso de Poesia organizado pelo Centro Acadêmico de Letras da UNESP de Araraquara. O resultado saiu na XI Semana de Letras. Os vencedores foram premiados com um encarte contendo os poemas dos 15 selecionados.

O PINHEIRO

Tão elegante imponente e verde! Alto, resplandecente à noite.

Cheio de luzinhas coloridas, na varanda da casa pintada de branco.

A criança com a bola presa entre os braços, sentada no meio-fio ponderava a questão do pinheiro arrogante.

Um carro saiu da garagem, uma moto entrou...

Todos alheios, veículos e pessoas, já vinha o crepúsculo e ninguém fazia conta do menino a observar o pinheiro em sua disputa interior.

Levantou, andou até as grades do portão de ferro e dialogou com o pinheiro:

"Já, já... No inicio do novo ano, tiram suas bolas coloridas, seus enfeites, suas luzes e talvez até tiram-te do caminho pra não obstruir a passagem, assim como Papai Noel me tirou de sua lista de presentes: não cabia uma festa de natal, com ceia, amigos e presentes dentro do saco! Pelo menos não vão tirar o que não me deram...".

Sylvia Senny

Membro do Grupo Experimental da Academia Araçatubense de Letras.

O DEZ / ENCONTROS DE ANA - Cap. 02

Ao chegar em casa Ana abriu o envelope, leu as instruções. Passou tudo certinho para a mãe. O cartão estava em nome da sua mãe – era vitalício.

Joaquina, a mãe, guardou tim-tim por tim-tim do que Ana falara. Sabia que a filha em breve estaria trabalhando para o senhor X, ganharia asas no céu – conheceria o mundo.

Algo não lhe parecia bem porque tudo devia ser mantido em absoluto segredo. Parecia que tudo era segredo de Estado.

Duas semanas se passaram e num final de tarde um carro estaciona em frente da casa de Ana, aperta a campainha.

Ana atende à porta.

- Ana?

- Sim, sou eu.

Sem mais nada dizer entrega-lhe um envelope. Vira-se, entra no carro que parte imediatamente.

Ana entra e vai direto para seu quarto. Um dos itens a serem cumpridos: nem a mãe deveria saber o que continha cada envelope. Lê atentamente as instruções. Deveria partir no dia seguinte.

Arruma uma sacola – estas frágeis de supermercado – coloca nela apenas o que manda a mensagem. Avisa a mãe que sairá cedo para o trabalho.

Deita mais cedo do que antes, pois deverá estar no portão de sua casa assim que o relógio marcar três horas da manhã. Coloca o despertador para meia hora antes do encontro.

Sonha com encontros fantásticos, em palácios, em alto-mar, no deserto, em embaixadas, em grandes (pequenos) hotéis, motéis... parecia uma caçada, um safári.

É despertada pelo som do relógio. Toma um banho rápido. Aprontase como mandara o envelope.

"Cinco minutos ainda!"

E o tempo não passa...

Um minuto. Beija a mãe que lhe deseja sorte.

Abre a porta, lentamente o portão.

"Trinta segundos."

"Quinze segundos."

"Cinco segundos."

Um carro, com faróis baixos aproxima-se – era o que estava descrito no envelope. Encosta e a porta se abre.

Ana entra no carro e uma jovem está no comando do veículo. Aparentava uns vinte e cinco anos. Cabelos longos e pretos, pele clara. Recebe-a com um sorriso leve:

- Bom dia.

- Bom dia.

- Sabes o que fazer?

- Minhas instruções terminaram quando entrei no carro.

- Tudo bem. Abra este porta-luva à sua frente, retire o envelope e leia.

Ana cumpre a ordem.

Ana faz rapidamente a leitura, deveria descer na rodoviária e pegar um ônibus para a cidade de São Paulo. Estava numa pequena cidade do interior.

- Deixe-me na rodoviária.

- Sim.

A moça ao volante agora cumpre a ordem. A poucas quadras dali se encontrava a rodoviária.

Toma o ônibus indicado na passagem que havia dentro do envelope.

As horas passam e de acordo com o indicado deveria chegar na rodoviária da cidade de São Paulo por volta do meio dia. Pegaria um táxi para o Hotel American Press – que ficava a oito quadras dali. Hospedaria no quinto andar, apartamento 551.

Às treze horas já tomava um bom banho, mas usava a mesma roupa. Era esperar o próximo envelope.

Pedro César Alves

É professor de Português, Escritor e Gestor do Programa Escola da Família - Paraisão.

BLOGS DOS AMIGOS

José Hamilton - http://jhamiltonbrito.blogspot.com/
Antônio Luceni - http://www.antonioluceni.blogspot.com/
Rita Lavoyer - http://www.ritalavoyer.blogspot.com/
Alaor Tristante - http://www.alaorpoeta.blogspot.com/
Beatriz Nascimento - http://diariodeumapoeta.blogspot.com/
Hélio Consolaro - http://www.blogdoconsa.blogspot.com/
Sylvia Senny - http://www.sylviasenny.blogspot.com/

Você conhece o Grupo de Contação de História

"Deixa que eu conto"?

Se não conhece, acesse

http://www.aracatubaeregiao.com.br/entrevistadotaniaantunes.htm

NATAL

Natal.
O Natal chegou,
ou foi o fim do ano?

Pedro C. Alves

EDIÇÃO DE JANEIRO

ASSUNTO A SER ENVIADO:

"ANO NOVO VIDA NOVA"

RESPEITE OS DIREITOS AUTORAIS